



AVALIAÇÃO DAS CLASSES DE MEDICAMENTOS MAIS UTILIZADOS POR ALUNOS DO CURSO DE ENFERMAGEM DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA ZONA DA MATA MINEIRA E SUA ASSOCIAÇÃO COM OS RISCOS/BENEFÍCIOS À SAÚDE

Divalda Oliveira de Melo¹, Silvana Carvalho Novais², Adriano Carlos Soares³, Deisy Mendes Silva⁴, Cristina Maria Lobato Pires⁵, Chintia Mara de Oliveira Lobato Schuengue⁶.

¹ Graduando Enfermagem, Faculdade Vértice- UNIVÉRTIX, divaldamelo123@hotmail.com

² Graduando Enfermagem, Faculdade Vértice- UNIVÉRTIX, sicarvalhoferreira@hotmail.com

³ Doutor, Farmacêutico, Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX, adrianosoaresmoreno@hotmail.com

⁴ Mestranda Enfermeira, Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX deisymendes@yahoo.com.br

⁵ Mestranda, Enfermeira, Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX cristinalobatocmlpires@hotmail.com

⁶ Doutora, Enfermeira, Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX, cmol7@hotmail.com

Resumo: Sabe-se que no Brasil a prática da automedicação vem se tornando cada vez mais comum entre a população. O objetivo do estudo é avaliar as classes de medicamentos mais utilizados por alunos do curso de enfermagem e avaliar a associação com os riscos/benefícios à saúde. Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo descritiva. Para coleta de dados foi utilizado como instrumento um questionário semiestruturado foi digitado em uma planilha do Microsoft Excel versão Windows 10 e posteriormente realizadas as análises percentuais dos mesmos. A amostra foi composta por 94 alunos. Os resultados evidenciados mostram que 89,36% afirmaram fazer uso de medicamentos no último ano e 10,63% alunos afirmaram não fazer uso. Constatou-se ainda que 63,09% dos alunos afirmaram que os medicamentos foram prescritos ou indicados por profissionais de saúde e 36,90% usaram sem prescrição ou indicação de um profissional. Observou-se um elevado número de realizações de automedicação, a classe mais utilizada foram os analgésicos, e alguns não verificam se há incompatibilidade entre as classes. E ainda hoje existe o hábito da automedicação.

Palavras-chave: Medicamentos; Automedicação; Profissional.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil a prática da automedicação vem se tornando cada vez mais comum entre a população. DOMINGUES *et al.* (2015) relata que aproximadamente um terço das internações ocorridas no país tem como origem o uso incorreto de medicamentos. E ainda que no ano de 2011, os medicamentos corresponderam a 29,5% dos casos de intoxicação registrados no Brasil e a 16,9% dos casos de óbito por intoxicações.

De acordo com Matos, *et al.* (2018), os riscos da automedicação para o indivíduo são o retardo no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto, devido ao mascaramento dos sintomas, proporcionando o agravamento do distúrbio. Assim, a prática inapropriada de se automedicar pode ocasionar inúmeros problemas à saúde. Gama, (2017) relata o impacto da presença da resistência antimicrobiana, reações adversas a medicamentos, interações medicamentosas, risco de mascaramento de doenças evolutivas e aumento do uso de recursos financeiros para o sistema de saúde. Esse autor relata os motivos que levam as pessoas a se automedicar como, sendo, experiência prévia com o sintoma ou a doença, crença sobre conhecimento de doenças, limitação de recursos financeiros para cuidar da saúde, indisponibilidade de tempo para buscar auxílio médico e atitude do indivíduo face doença.

É importante a conscientização do uso de medicamentos somente quando necessário e com orientação de algum profissional da saúde como relata os preceitos da política nacional de medicamentos, da secretaria de políticas de saúde (2000) um medicamento só deve ser utilizado quando for necessário cumprindo parâmetros de segurança e eficácia, sendo prescrito e dispensado por profissionais de saúde, seguindo os fundamentos do uso racional de medicamentos (LIMA; NAVES, 2014).

Desta forma, os cursos de formação, especialmente a enfermagem, precisam adotar educação em saúde sobre a automedicação objetivando a redução da automedicação e conhecimentos sobre

os medicamentos e seus efeitos adversos. De acordo com Soterio (2016), um fator importante para minimizar a automedicação seria os alunos promoverem a educação em saúde, informando a população sobre os riscos de se automedicar e permitir uma maior conscientização sobre o uso correto de medicamentos. Um estudo conduzido por Tomasini e Ferraes (2015) relatam a importância de uma correta orientação sobre o uso de medicamentos desencadeando sintomas de intoxicação por medicamentos. Em relação a todos esses aspectos será que os alunos de enfermagem têm conhecimento dos efeitos adversos dos medicamentos que fazem uso? Será que os alunos procuram algum profissional antes de fazer uso de medicamento?

No entanto quem faz uso de medicamentos de forma correta e sabe seus efeitos adversos pode garantir benefícios para si mesmo e para o próximo como Tomasini e Ferraes ,(2015, p.3) fala que “é importante salientar que a automedicação, quando realizada de forma apropriada, é responsável pela diminuição de filas em Postos de Saúde e Pronto Atendimentos dos Hospitais. Assim, a justificativa deste estudo concentra-se em compreender a importância do conhecimento sobre a automedicação e riscos à saúde.

Diante do exposto este estudo objetiva avaliar as classes de medicamentos mais utilizados por alunos do curso de enfermagem e avaliar a associação com os riscos/benefícios à saúde.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

No Brasil existe escassez de estudos com abordagem ao uso inadequado de medicamentos e abordando os riscos do consumo. Essa pouca informação leva a porcentagem no país de pessoas que praticam automedicação, seja por interesse próprio ou por indicações de leigos e utilização de receitas antigas (NASCIMENTO, 2003).

Entretanto outras situações favorecem a automedicação, o que se demonstra Nascimento (2009) onde se afirma que a propaganda de medicamentos no Brasil tem colaboração única verificando que multas arrecadadas são irrisórias comparando aos gastos com publicidade; - As multas são agregadas aos preços; A punição das irregularidades é repassada após infração, quando a população já foi exposta ao risco. A frase: “Ao persistirem os sintomas o médico deverá ser consultado” em vez de alertar para os riscos da automedicação, estimula o uso de medicamento sem receita, indicando a busca de médico somente quando os sintomas permanecerem (NASCIMENTO, 2009).

Todos esses fatores, somando-se a propaganda de medicamentos, têm sido um estímulo frequente ao uso inadequado. Sobretudo, ao ressaltar benefícios e minimizar a possibilidade de efeitos adversos. Tal propaganda é agravada pela internet, disseminando informações aos consumidores, de forma menos explícita, afirmando estar promovendo a saúde. (CABEZAS, 2000).

As estatísticas revelam que 35% dos medicamentos adquiridos no Brasil são por meio da automedicação (AQUINO, 2008), sendo os mais solicitados os analgésicos, descongestionantes nasais, anti-inflamatório/ antirreumático e anti-infeccioso de uso sistêmico; e destes, 44,1% seriam necessárias à apresentação da prescrição médica para adquiri-los.

Esse problema é agravado com o baixo poder aquisitivo da população, a precariedade dos serviços e sistema de saúde que contrastam com a facilidade de se obter medicamentos e consultas sem receituário médico em qualquer farmácia, onde geralmente encontra-se um balconista com interesse em ganhar uma comissão de venda. (BARROS, 2003).

Os medicamentos tornaram-se uma ferramenta essencial para a terapêutica, tratamento e a prevenção de diversas enfermidades, apresentando como resultado a melhora da qualidade de vida das pessoas. Para que a farmacoterapia seja um sucesso e produza os resultados esperados, é fundamental que o fármaco seja usado para a condição clínica apropriada, prescrito na forma farmacêutica, doses e período de duração do tratamento adequado e que o regime terapêutico prescrito seja cumprido (MARIN *et al.*, 2003).

A Política Nacional de Medicamentos (Brasil, 1998, p.4) conceitua o uso racional de medicamentos como:

“Processo que compreende a prescrição apropriada: a disponibilidade oportuna e a preços acessíveis; a dispensação em condições adequadas; e o consumo nas doses indicadas, nos intervalos definidos e no período de tempo indicado de medicamentos eficazes, seguros e de qualidade.”

No estudo de Arrais *et al.* (2016) a prevalência geral de utilização de medicamentos pela população brasileira maior de 18 anos foi de 49,0% e a automedicação de 24,6%. Outros estudos destacam as populações de municípios brasileiros, entre moradores de São Paulo, SP, com idade acima de 40 anos a prevalência da automedicação variou entre 27,0% e 32,0%; No Município de Bambuí, MG, com pessoas de idade maior ou igual a 18 anos, a prevalência de consumo exclusivo de medicamentos não prescritos foi de 28,8%. Em Santa Maria, RS, 76,1% das pessoas entrevistadas afirmam ter se automedicado pelo menos uma vez.

3- METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quantitativa do tipo descritiva. De acordo com Gil (2010) as pesquisas descritivas “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O local da realização da pesquisa foi em uma Instituição de Ensino Superior que possui o curso de graduação em Enfermagem, localizado na Zona da Mata Mineira. A amostra foi composta por 94 alunos graduandos de Enfermagem, durante o mês de fevereiro á maio de 2019 no qual foi realizada a coleta de dados. Os critérios de inclusão dos sujeitos foram: todos que manifestaram interesse em participar, ambos os sexos de todos os períodos.

A pesquisa foi realizada mediante autorizações do diretor da instituição e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por todos os participantes, conforme preconiza a Lei 466/2012 (BRASIL, 2012), que trata de pesquisa envolvendo seres humanos, resguardando-lhe o anonimato e autonomia de recusar-se ou desistir de fazer parte da amostra do estudo.

Para coleta de dados foi utilizado como instrumento um questionário semiestruturado proposto por (LOPES e MATA, 2017) contendo 14 questões (Anexo) que abordam o uso de medicamentos/riscos e benefícios a saúde, as classes utilizadas e conhecimentos sobre as mesmas.

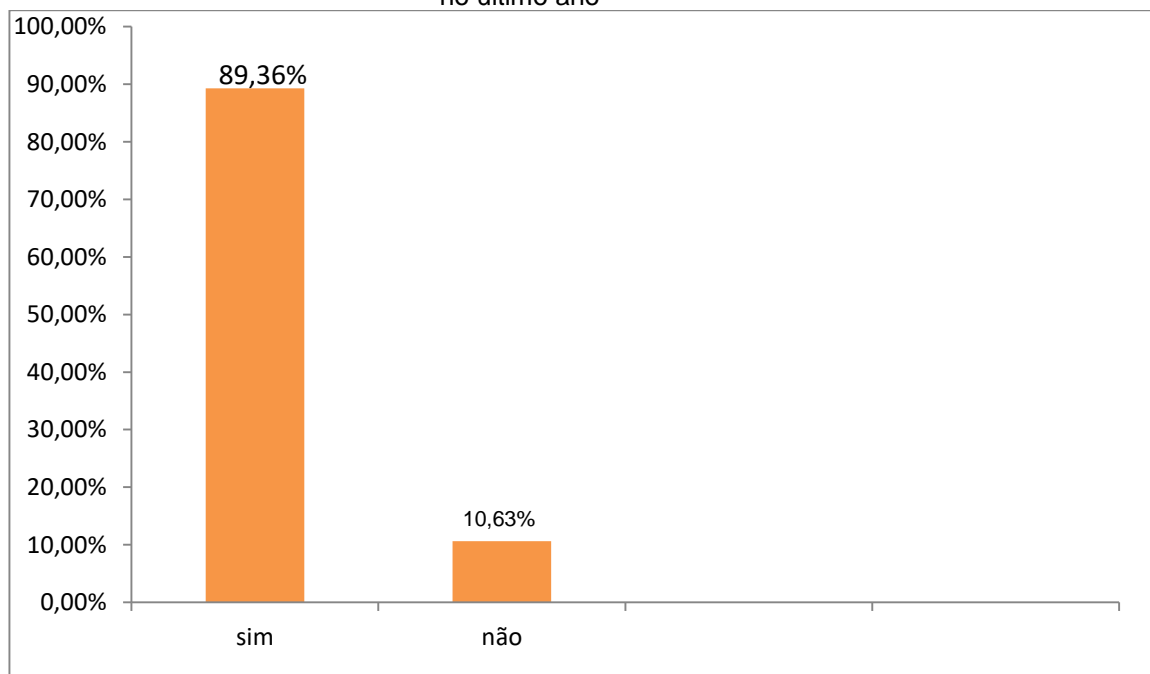
Para análises dos dados, as questões foram agrupadas e digitadas em uma planilha do Microsoft Excel versão Windows 10 e posteriormente realizadas as análises estatísticas. Desta forma, os dados foram apresentados em medidas de frequência relativa, medidas de tendência central e dispersão.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos resultados encontrados foi possível verificar um alto índice de estudantes que realizam a automedicação no cotidiano.

No que se refere à análise quantitativa dos questionários, o seguinte critério foi estabelecido: Dos 94 alunos foi o total da nossa amostra 89,36% afirmaram fazer uso de medicamentos no último ano e 10,63% alunos afirmaram não fazer uso representados na figura. (figura 01).

Figura 01: Acadêmicos que realizaram a automedicação em uma instituição da zona da Mata Mineira no último ano



Fonte: Elaborado pelas autoras

Constatou-se ainda que embora 63,09% dos acadêmicos pratiquem a automedicação eles afirmaram que os medicamentos foram prescritos ou indicados por profissionais de saúde. Em relação a indicação 88,67% teve prescrição de médico; 5,66% teve prescrição de farmacêutico; 5,66% teve prescrição de dentista; Além disso 36,90% usaram sem prescrição ou indicação de um profissional.

Constatou-se uma frequência de 47,61% que afirmaram fazer automedicação, o percentual de quem faz uso raramente foi de 34,52%, os que afirmaram uso regularmente foi de 5,95% ou muita constância e 11,90% não fazem automedicação. Quanto ao conhecimento por ser estudante da área

de saúde 89,28% acreditam que a automedicação pode trazer riscos à saúde, mas um percentual significativo de 10,71% acredita não trazer riscos à saúde. Perguntados quais foram os medicamentos ingeridos no último ano sem a prescrição ou indicação de um profissional de saúde habilitado de acordo com as classes, o maior índice foi de medicamentos para dor de 56,11% segundo medicamento mais utilizado com percentual de 37,41% foram de medicamentos para febre. Os menos utilizados foram 0,71% para reumatismo e 5,75% calmante.

Constatamos também que 35,71% já se automedicaram com mais de uma classe, desses 27% relataram que não verificou se havia incompatibilidade entre os medicamentos e 64,28% não usaram mais de uma classe junta, enquanto 73,33% verificaram a incompatibilidade entre os medicamentos. Em relação as informações, foi observado que a maioria procuraram por informações após a aquisição do medicamento e alguns adquirido as mesmas de parentes ou amigos sendo que muitas vezes as informações não foram compreendidas. Dessa forma 43,63% obtiveram as informações sobre medicamentos em bula; 30,90% obtiveram informações na internet; 9,09% obtiveram informações com farmacêutico; 7,27% obtiveram informações com enfermeiro e 9,09% obtiveram informações com parente ou amigo. Dos entrevistados 98% entenderam as informações e 1,81% não entenderam. Já 80% usaram os medicamentos de acordo com informações recebidas e 20% não. Ainda 17,56% sentiram algum desconforto ou reação adversa e 81,08% não sentiram desconforto ou reação adversa.

Tabela1: classes de medicamentos mais utilizados com ou sem prescrição de um profissional da saúde

Classes de medicamentos	N	Porcentagem (%)
Dor	17	56,11%
Febre	11	37,41%
Reumatismo	1	0,71%
Calmante	2	5,75%
Frequência de utilização		
Raramente	40	47,61%
Com certa frequência	29	34,62%
Muita frequência	5	5,95%
Não utilizam	10	11,90%
Acreditam que traz riscos à saúde	75	89,28%
Não acreditam trazer riscos	9	10,71%
Medicação com mais de uma classe	30	35,71%
Não utilizou mais de uma classe	54	64,28%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Foi constatado que 28% afirmaram ter realizado a automedicação influenciada por familiar ou amigo; 9,45% por profissional de saúde (não médico); 14,86% por prescrições anteriores; 2,70% por publicidade; 18,91% tinha medicamento em casa; 26,4% tinha conhecimento sobre medicamento por ser estudante de saúde. Em relação a busca por informações 74,32% procurou ciência antes de se auto medicar já 25,67% não. Contudo ficou evidenciado que embora sejam acadêmicos de enfermagem alguns se arriscam com as medicações e desconhecem a associação dos riscos/benefícios das mesmas.

5- CONCLUSÃO

Observa-se elevada ocorrência da prática de automedicação, a classe mais utilizada foi medicamento pra dor, e alguns não verificam a possibilidade de incompatibilidade entre as classes, podendo causar intoxicação ou diversas outras reações, ainda hoje existe o hábito de usar medicamento de prescrições antigas, ou guardar medicamentos em casa para uso posterior, bem como a influência de familiar ou amigo, e a atuação da publicidade.

No entanto 74,32% procuram informações sobre os medicamentos e os conhecimentos adquiridos por ser estudante da área de saúde favorece o uso de medicamentos de forma mais racional, com consciência de que o uso incorreto pode causar danos à saúde, essa informação fica evidenciada nos 63,09% que utilizam medicamentos somente com prescrição de profissional da saúde habilitado para prescrição ,apenas 5,75% fazem uso com frequência contudo, e um dado surpreendente é que 10,71% acreditam que o uso deliberado de medicamentos não traz riscos á saúde.

Contudo tendo em vista os problemas decorrentes da automedicação constatou-se que essa prática é perigosa, podendo causar sérios danos a saúde, como Paracelso médico do século XVI disse: “A diferença entre um remédio e um veneno está na dose”.

6- REFERÊNCIAS

AQUINO, D.S. Porque o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.13, p. 733-736, abr.2008.

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado, *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*. 2016, 50(supl2):13s. DOI:10.1590/S1518-8787.2016050006117.

BARROS, J.A.C.; JOANY S. Anúncio de medicamentos em revista médica: ajudando a promover a boa prescrição? In: ROZENFIELD, S. Prevalência, fatores associados e mau uso de medicamentos entre idosos: uma revisão. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p. 717-724, mai-jun. 2003.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Portaria GM nº3.916. Aprova a Política Nacional de Medicamentos. Diário Oficial da União, 30 de out, 1998.Brasília.

CABEZAS VPY, ORMENO EAM, PABIAZA LCV. **Automedicación de analgésicos no narcóticos**. Consultório Santo Tomás. Santiago do Chile, 2000. 114 p.

GAMA, ASM; SECOLI, SR. Automedicação em estudantes de enfermagem do estado do Amazonas. Brasil. **Rev Gaúcha Enferm**. 2017. Mar. V.30, n.1, p.65111.

LOPES, Alzira das mercês; MATA, Lilliane cunha Campos da. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de Sete Lagoas/MG. **Revista brasileira de ciências da vida**.2017.jul.v.5, n.1.

MARIN N. *et al.* (Org). **Assistência Farmacêutica para gerentes municipais**. Rio de Janeiro: OPAS/OMS, 2003

MATOS, Januária Fonseca, *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad.saúde.colet**. Rio de Janeiro, v. 26, n, 1, p. 76-83, mar- 2018.

NASCIMENTO, Álvaro César. Propaganda de medicamentos no Brasil: é possível regular? **Ciênc, Saúde coletiva**, 2009, vol.14, n.3, p. 869-877. ISSN:14138123.

NASCIMENTO M.C. **Medicamentos: ameaça ou apoio á saúde?** Rio de Janeiro: Vieira e Lent; 2003.

SOTERIO, Karine Azeredo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da graduação**. ISSN: 1983-1374. v.9, n.2, p.1-15, 2016.

TOMASINI, Alexandre Abujamra; FERRAES, Alide Marina Biehl. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. **Bio Saúde**. Londrina, 2015. v.17, n.1, p.1-12.